

# Dividido, PFL não sabe se mantém apoio ao governo

A trégua não durou mais do que 24 horas. Depois de unir-se ao PMDB no apoio à decisão do presidente José Sarney de suspender o pagamento dos juros da dívida externa, o PFL reiniciou no último sábado seu tiro-teio contra a "hegemonia" peemedebista no Congresso constituinte. A cada ataque ao PMDB, entretanto, o PFL aprofunda suas divisões internas. Continuar apoiando ou não a Aliança Democrática é hoje o principal problema do PFL.

A exemplo do PMDB, que ainda não sabe se é o partido do governo, o PFL tem cada vez menos certeza sobre a manutenção da Aliança e do apoio ao presidente Sarney. O último ponto de discórdia entre os dois partidos foi o substitutivo ao Regimento Interno do Congresso constituinte, preparado pelo senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP). Ontem, sem acordo com o PMDB para modificar o substitutivo, deputados do PFL voltaram a pregar o rompimento da Aliança.

"Está cada dia mais difícil a convivência", disse o 1º vice-líder do PFL, Inocêncio de Oliveira (PE), que defendeu o rompimento da Aliança, tal como propusera na semana passada o deputado Jaime Santana (MA), durante reunião com presidentes de diretórios regionais do PFL. Ambos, porém, querem que o PFL se oponha ao PMDB mas não ao governo do presidente Sarney. "Não tem nada a ver uma coisa com outra", disse Oliveira, para quem é perfeitamente possível o PFL romper a Aliança e manter seus ministros no governo. Deputados mais radicais, como Thomaz Nonô (AL), querem, no entanto, o partido na oposição ao PMDB e a Sarney.

## Cautela

Cauteloso, o presidente em exercício do PFL, deputado Maurício Campos (MG), diz que nada será decidido

apressadamente: "Vamos esperar isso decantar". Ele afirmou que o rompimento com o PMDB pode ser a posição de alguns deputados, mas não expressa o consenso das lideranças mais importantes do partido. Entre os que estariam contra o rompimento, citou Aureliano Chaves, Marco Maciel e Antônio Carlos Magalhães, todos ministros do presidente Sarney.

Segundo Campos, esta divisão terá que ser superada a partir de uma convenção nacional do partido, cuja data ainda não foi definida mas que poderá ser convocada ainda neste primeiro semestre. No caso de um rompimento por parte do PFL, Campos acredita que seus ministros terão que deixar o governo.

As eleições de 1986, a crise econômica e o consequente desgaste do PMDB formam o pano de fundo para as divergências entre os dois partidos. Elas existem, entretanto, desde o nascimento da Aliança Democrática. Formada às pressas para viabilizar a vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, em 1985, a Aliança Democrática é considerada, cada vez mais, um instrumento superado pelas circunstâncias.

Na raiz das divergências está a sucessão do presidente Sarney. Esmagado eleitoralmente pelo PMDB no ano passado, o PFL, embora com cinco ministros, sente-se cada vez menos participante do governo. Um processo que se acentua à medida que o PMDB passa a exigir cada vez mais participação, lastreado nos resultados das eleições do ano passado. Hoje, o PFL está no seguinte dilema: afastar-se do governo e definir um perfil de oposição, o que o credenciaria como alternativa ao PMDB na sucessão de Sarney, ou continuar no governo e ser sempre o sócio minoritário de seus sucessos —ou conivente com seus fracassos. (Alexandre Polesi)